

**XXI Encontro Nacional  
da Associação Portuguesa de Linguística  
Textos seleccionados**

Porto, 28-30 de Setembro de 2005

Organização  
Fátima Oliveira  
Joaquim Barbosa

Lisboa  
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA  
2006

## Memória de reconhecimento para palavras de ira em bilingues de português/francês

Fernanda Martins\*, Ana Oliveira\*\*  
e Liliana de Sousa\*\*\*

\*FLUP, U. P.; \*\*ESEV, I. P. Viseu;

\*\*\*ICBAS/IBMC, U. P.

### 1. Introdução

Compreender como os monolíngues processam as emoções não é tarefa fácil e pode tornar-se mais complexo quando se trata de bilingues. Os bilingues variam no nível de competência da segunda língua, no entanto não constituem uma categoria homogénea podendo ser diferenciados através de aspectos específicos como sejam a idade de aquisição (*Age of acquisition* – AOA), o tempo durante o qual estiveram expostos a determinada língua (*Length of exposure* – LOE) e o contexto em que a aquisição da língua foi efectuado (*Context of acquisition* – COA). Relativamente à idade de aquisição de cada língua podem definir-se, por um lado os bilingues precoces, aqueles que iniciaram a aprendizagem das línguas na infância desde muito cedo e por outro os bilingues tardios que iniciaram o contacto com a segunda língua no final da infância ou na idade adulta.

Independentemente das especificidades de processamento de cada uma das categorias de bilingues é hoje admitido que há, globalmente, diferenças de processamento entre bilingues e monolíngues (e.g. Francis, 1999; Oliveira, 1999) que estão presentes, nomeadamente, no desempenho de tarefas de memória que utilizem material verbal emotivo (e.g. Anoshian & Hertel, 1994; Ayçiçeği & Harris, 2004)). Em estudos prévios realizados por elementos desta equipa com bilingues de português/francês constatou-se, por exemplo, que existiam diferenças de desempenho quando comparados com monolíngues de português e monolíngues de francês, nomeadamente em tarefas de audição dicótica (Oliveira, Castro & de Sousa, 1999) que obtiveram um menor número de respostas correctas do que os monolíngues franceses. Estas diferenças podem ser particularmente interessantes quando o material é verbal e emotivo. Pode acontecer que sentir e rotular pela primeira vez certas emoções tenha acontecido apenas na língua nativa podendo, assim, as emoções serem codificadas de modo diferente em duas línguas (Altarriba, 2002). A língua nativa pode ter um papel crucial durante a infância como parte do mundo afectivo da criança e ter sido associada a um conjunto particular de pensamentos e sentimentos (Guttfreund, 1990).

Alguns autores relatam que, em situação terapêutica, as memórias da infância e da adolescência são mais ricas quando, tendo sido vivenciadas na língua materna, são igualmente recordadas nessa língua (Schrauf, 2000). Num estudo levado a cabo em pacientes bilingues de espanhol/inglês em terapia de aconselhamento constatou-se que a experiência emocional, avaliada através dos níveis de desconforto e de ansiedade, diminuía quando estavam a usar a L2 ou para ela mudavam e aumentava quando utilizavam a língua materna (Pizarro, 2004). Os bilingues podem ser verbalmente mais expressivos uma vez que podem usar mais do que uma língua e decidir qual desejam utilizar. Por exemplo, usarão a segunda língua quando se estão a referir a acontecimentos perturbadores, utilizando-a com uma função distanciadora, num processo que Marcos (1976) designou de efeito de desprendimento. De facto, o que acontece normalmente é que a segunda língua é adquirida num contexto mais neutro do ponto de vista emotivo (Bond & Lai, 1986).

Esta forma particular de os bilingues processarem emoções surge também demonstrada em estudos que analisam especificamente o processamento de palavras emotivas. Sabe-se que elas podem desencadear emoções diferentes consoante a língua utilizada, como no caso de palavras tabu que têm sido associadas a um aumento nos níveis de ansiedade quando apresentadas na língua materna por comparação com a sua apresentação na segunda língua (Gonzalez-Reigosa, 1976). Estes variados aspectos podem dever-se ao facto de a codificação das práticas de socialização ou as memórias de infância se ter efectivado na língua materna e de a segunda língua funcionar como uma ferramenta para assuntos não emotivos e para memórias da idade adulta.

Se os indivíduos bilingues processam de modo diferente as emoções consoante estão a utilizar uma língua ou outra, o mesmo pode acontecer relativamente à memória de palavras emotivas. Embora alguns estudos tenham demonstrado que a recordação de um maior número de palavras emotivas do que neutras não acontece relativamente à segunda língua dos bilingues (Anooshian & Hertel, 1994) um estudo mais recente refere o contrário (Ayçiçeği & Harris, 2004). Neste estudo os autores constataram que o número de palavras emotivas recordadas em tarefas de reconhecimento era superior ao de palavras neutras em ambas as línguas.

Uma outra questão levantada neste trabalho respeita à memória para palavras emotivas e às suas particularidades quer quando comparada com a memória para palavras neutras quer para analisar comparativamente diferentes emoções. O estudo da memória para estímulos emotivos tem-se desenvolvido à volta de duas questões essenciais: (1) as diferenças de processamento em indivíduos com níveis baixos e elevados relativamente a uma característica emotiva e/ou (2) o enviesamento provocado pelo processamento de estímulos emotivos por comparação com neutros. Relativamente ao primeiro aspecto normalmente são utilizados instrumentos de avaliação psicológica para as diversas emoções. Uma vez que o cariz social e cultural das emoções não pode ser ignorado, estes instrumentos necessitam por vezes de ajustes tendo em conta a forma como, em cada cultura, uma emoção específica é expressa, vivida e aceite. Este aspecto pode ser particularmente importante no estudo de indivíduos que contactam com duas culturas como é o caso dos bilingues. De referir que ao abordar a emoção ira através do

inventário que irá ser utilizado também neste trabalho (STAXI – Inventário do Estado e Traço de Ira (Spielberger, 1988), adaptado para esta população portuguesa (Martins, 1995)) constatou-se, tal como em outros países (e.g. Tanzer, Sim, Spielberger, 1996; Haseth, 1996), a necessidade de proceder a ajustes normativos para algumas sub escalas. Em relação ao segundo aspecto, não é indiferente o facto de estarem em causa emoções negativas ou positivas, nem de que emoção está a ser abordada. No que se refere à emoção ira, e dada a controvérsia social e cultural que a envolve, torna-se particularmente importante estudar o modo como ela afecta o processamento cognitivo dos indivíduos e analisar eventuais diferenças que possam ser imputadas a variações culturais. Neste contexto, estudar os bilíngues pode contribuir para esclarecer aspectos relacionados com esta questão.

Os efeitos desencadeados pelas emoções dependem ainda das tarefas que os sujeitos têm de desempenhar, nomeadamente de memória implícita (por exemplo tarefas de completamento de palavras) e explícita (de evocação e de reconhecimento). Mathews *et al.* (1989) propõem que, por vezes, não há viés emotivo para palavras ameaçadoras quando as tarefas são de memória explícita. Referem que os indivíduos, neste caso ansiosos, evitam processar de forma elaborada os estímulos perigosos. Quando realizam tarefas de memória implícita os sujeitos ansiosos têm um viés de processamento para as palavras ameaçadoras, recordando mais palavras deste tipo, enquanto sujeitos normais têm um viés para as palavras não ameaçadoras. Este mecanismo de evitamento foi referido em trabalhos semelhantes por outros autores (Foa & Kozak, 1986) o que sugere que os indivíduos preferem afastar-se de um estado de espírito desagradável (Isen, 1984).

Num trabalho de investigação anterior levado a cabo pela nossa equipa (Martins, 1999) com monolíngues de português e em que se utilizou material idêntico para o mesmo tipo de tarefas que foram utilizadas no presente estudo, constatou-se que o número de palavras de ira recordado pelos participantes era menor relativamente às de não ira, sugerindo que os participantes as evitavam.

Neste contexto pretende-se com este trabalho analisar as diferenças ao nível da memória de reconhecimento de palavras de ira e de não ira entre sujeitos monolíngues e sujeitos bilíngues de português/francês.

## 2. Metodologia

Para a realização deste estudo os participantes desempenharam uma tarefa de memória de reconhecimento. Inicialmente foi-lhes dada uma tarefa de codificação (gostar ou não gostar das palavras apresentadas num folheto), normalmente utilizada para aumentar o desempenho e maximizar a probabilidade de detectar um viés em provas de memória explícita (como é o caso das de memória de reconhecimento). Esta tarefa de classificação permite dissociar os testes de memória implícita dos de explícita uma vez que aumenta o nível de desempenho no primeiro caso e não afecta as tarefas do segundo tipo (e.g. Graf & Madler, 1984; Roediger, 1990; Schacter, 1992).

Em seguida realizaram a tarefa de reconhecimento, composta por uma lista de palavras algumas das quais presentes no folheto inicial e outras novas, conforme se explica mais abaixo nesta secção.

### 2.1. Participantes

Neste estudo participaram 80 sujeitos estando todos a terminar licenciaturas em Humanidades e pertencentes à Faculdade de Letras do Porto e à Escola Superior de Educação de Viseu. De entre eles, 50 eram monolíngues de português e 30 bilingues de português/francês. A média de idades era de  $24.08 \pm 5.09$ .

Todos os indivíduos foram avaliados nos seus níveis de ira através do STAXI – Inventário do Estado e Traço de Ira (Spielberger, 1988), adaptado para esta população portuguesa (Martins, 1995) de modo a excluir indivíduos com níveis não habituais de ira neste tipo de população, não tendo nenhum deles sido excluído.

Os participantes foram divididos em monolíngues de português e bilingues de português/francês. Todos os bilingues apresentavam um nível de competência idêntico e elevado em ambas as línguas. O contacto com a língua francesa deu-se desde a infância tendo na sua maioria estado em França com os pais, então emigrantes nesse país, onde em contexto familiar era falado o português.

Formaram-se aleatoriamente dois grupos de bilingues tendo metade deles realizado as tarefas em português e metade em francês para evitar o efeito de repetição no caso de cada um deles desempenhar as provas em ambas as línguas.

### 2.2. Materiais

Para todas as provas a serem realizadas em português utilizaram-se palavras que fazem parte do Português Fundamental (Vilela, 1994; Cintra & Casteleiro, 1984). No caso das provas a serem realizadas em francês utilizou-se a tradução/retroversão das palavras portuguesas, realizada por dois tradutores bilingues.

O folheto para a classificação era composto por 74 palavras das quais 32 de ira, 16 emotivas positivas, 16 neutras e 10 neutras distractivas (5 no início e 5 no final da lista).

Para a tarefa de reconhecimento foi apresentada aos participantes uma lista composta por 64 palavras das quais 32 de ira, 16 neutras e 16 positivas. Metade das palavras de todos os tipos correspondiam a palavras que estavam presentes no folheto de classificação e metade eram novas. Foram colocadas na lista em posição aleatória tanto relativamente a terem estado na lista de classificação como a serem de ira, neutras ou positivas.

### 2.3. Procedimentos

Os participantes tinham de ler as palavras do folheto e deviam classificar numa escala de 1 (não gosto nada) a 5 (gosto muito) o valor que correspondia ao quanto gostavam ou não gostavam da palavra.

Em seguida era-lhes fornecida a lista de 64 palavras (32 vistas previamente no folheto e 32 novas) para reconhecer. Deveriam assinalar com um círculo aquelas que se lembravam de ter visto e riscar as que não se lembravam de ter visto. Estas tarefas não tinham limite de tempo para serem realizadas.

### 3. Resultados

O número de palavras de cada tipo (de ira, neutras e positivas) era diferente o que implicou que as análises tivessem de ser realizadas a partir dos valores de percentagem de cada um dos tipos. A análise global dos resultados mostra que os participantes recordaram significativamente mais palavras neutras ( $M=.92\pm.15$ ), do que positivas ( $M=.80\pm.17$ ) ou de ira ( $M=.78\pm.16$ ) ( $t(79)=-6.3$ ,  $p<.000$ ).

A comparação entre grupo (monolíngues de português e bilingues) e tipo de palavra (de ira, neutras e positivas) através de uma ANOVA mostra que existe um efeito principal para o tipo de palavra ( $F(2,156)=6.20$ ,  $p<.003$ ) (Figura 1). A análise post-hoc através do teste t-Student para amostras relacionadas mostra que os bilingues reconhecem mais palavras positivas ( $M=.85\pm.14$ ) do que os monolíngues ( $M=.77\pm.18$ ) ( $t(78)=-2.34$ ,  $p<.02$ ).

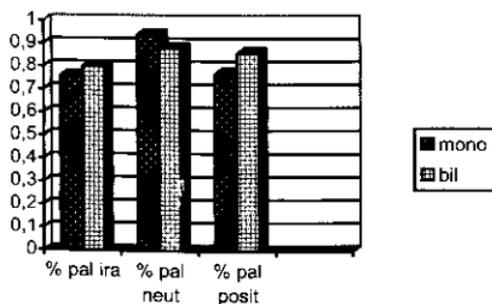


Figura 1 – Percentagem de palavras reconhecidas (monolíngues/bilingues)

Numa segunda análise distinguiram-se os bilingues que realizaram a prova em português dos que a realizaram em francês. A comparação de cada grupo (monolíngues de português, bilingues que realizaram a prova em português e bilingues que realizaram a prova em francês) relativamente à percentagem dos diferentes tipos de palavras reconhecidas (de ira, neutras e positivas) através de uma ANOVA mostra que existe um efeito de interacção entre grupo e tipo de palavra ( $F(4,154)=3.44$ ,  $p<.01$ ) (Figure 2). Há uma diferença significativa entre os bilingues que desempenharam em francês e os monolíngues para as palavras de ira, com os bilingues a apresentarem uma percentagem

mais elevada de palavras reconhecidas ( $M=.85\pm.14$ ) do que os monolíngues ( $M=.76\pm.16$ ). O mesmo acontece para as palavras positivas ( $M=.88\pm.13$  para os bilingues que desempenharam em francês e  $M=.77\pm.18$  para os monolíngues).

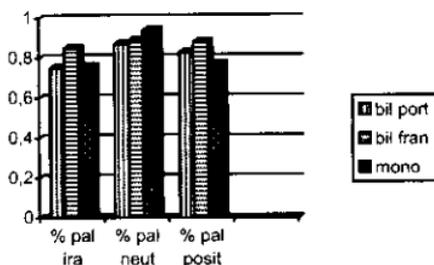


Figura 2 – Percentagem de palavras reconhecidas (monolíngues de português, bilingues que realizaram a prova em português e bilingues que realizaram a prova em francês)

#### 4. Discussão e conclusões

Neste estudo os bilingues que desempenharam as tarefas em português tiveram resultados diferentes quando comparados com os que as desempenharam em francês. Além do mais o seu desempenho em português aproximou-se do dos monolíngues portugueses, particularmente para as palavras de ira que foram menos recordadas quando comparadas com as de não-ira. Vários autores referem, no mesmo sentido, a presença de um mecanismo de evitamento como se os indivíduos se impedissem de processar o que os preocupa ou simplesmente aquilo que pode provocar mudanças de humor (Foa & Kosak, 1986; Mathews *et al.*, 1989), como pode ser o caso de palavras de ira. Este mecanismo embora presente em todas as situações experimentais foi mais evidente no caso dos monolíngues de português e dos bilingues que desempenharam as tarefas em português.

Alguns estudos referem que os bilingues usam as línguas que dominam de modo diferente (Altarriba, 2002) particularmente em contextos emotivos. Em situações clínicas de aconselhamento os psicólogos detectaram, inclusivamente, benefícios em trocar de língua quando o que está em causa são aspectos emocionalmente dolorosos ou assuntos tabu uma vez que isso provoca descidas nos níveis de ansiedade ou de sofrimento. A segunda língua pode ter uma função de distanciamento para questões emotivas (Marcos, 1976).

A ira é uma emoção particularmente modelada por factores sociais e culturais. Culturas diferentes aceitam e permitem a sua expressão de diversos modos e estes aspectos são culturalmente transmitidos. As diferentes línguas permitem aceder a essas diferenças especialmente se adquiridas num período precoce da vida.

Neste sentido, julgamos poder reflectir sobre a possibilidade de a língua materna dos participantes bilingues ser o português se não em competência pelo menos do ponto de vista emocional. O contacto com o português deu-se para a maioria deles na infância e em períodos precoces com as suas mães e restantes familiares que em casa usavam o português.

Seria bom dar continuidade a este estudo nomeadamente utilizando outro tipo de metodologia. Ao abordar as emoções dos bilingues é importante compreender a relação inter línguas, o momento em que os indivíduos iniciaram o seu contacto com cada uma delas e o papel diferenciado que podem ter na vida do bilingue. Conhecer estes aspectos ajudará a distinguir os bilingues não apenas pelo seu grau de competência ou de utilização das línguas mas também pela importância que cada língua pode ter na sua vida afectiva e no modo como eles as utilizam de forma diferenciada em situações emotivas.

## 5. Referências

- Altarriba, J. (2002) Bilingualism: language, memory and applied issues. In W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes, & D. N. Sattler (Eds.) *Online Readings in Psychology and Culture* (unit 4, Chapter 4).
- Anooshian, J. L. & Hertel, P. T. (1994) Emotionality in free recall: language specificity in bilingual memory. *Cognition and Emotion* 8, pp. 503-514.
- Ayçiçeği, A. & Harris, C. L. (2004) Bilinguals' recall and recognition of emotion words. *Cognition and Emotion* 18(7), pp. 977-987.
- Bond, M. H. & Lai, T. M. (1986) Embarrassment and code-switching into a second language. *Journal of Social Psychology* 126, pp. 179-186.
- Cintra, L. F. L. & Casteleiro, J. M. (1984) *Português Fundamental* (Vol. I e II). Lisboa: INIC: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Foa, E. G., & Kozak, M. J. (1986). "Emotional processing and fear: exposure to corrective information". *Psychological Bulletin*, 99, 942-958.
- Francis, W. S. (1999) Cognitive integration of language and memory in bilinguals semantic representation. *Psychological Bulletin* 125(2), pp. 193-222.
- Gonzalez-Reigosa, F. (1976) The anxiety-arousing effect of taboo words in bilinguals. In C. D. Spielberger & R. Diaz-Guerrero (eds.) *Cross-cultural anxiety*. Washington D. C.: Hemisphere.
- Graf, P. & Mandler, G. (1984) Activation makes words more accessible, but not necessarily more retrievable. *Journal of Verbal Learning & Verbal Behavior* 23, pp. 553-568.
- Gutfreund, D. G. (1990) Effects of language usage on emotional experience of Spanish-English and English-Spanish bilinguals. *Journal of Consulting and Clinical Psychology* 58(5), pp. 604-607.
- Håseth, K. J. The Norwegian adaptation of the state-trait anger expression inventory. In C. D. Spielberger & I. G. Sarason *Stress and Emotion*. Washington: Taylor & Francis, pp. 83-106.
- Isen, A. M. (1984) Towards understanding the role of affect in cognition. In R. S. Wyer & T. K. Srull (eds.) *Handbook of social cognition*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Marcos, L. R. (1976) Linguistic dimensions in the bilingual patient. *American Journal of Psychoanalysis* 36, pp. 347-354.

- Martins, F. (1995) STAXI. In L. Almeida, M. Simões, & M. Gonçalves (eds.) *Provas Psicológicas em Portugal*. Braga: APPORT.
- Martins, F. (1999) *Influência das emoções no desempenho cognitivo: ira e processamento da informação*. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.
- Mathews, A., Mogg, K., May, J. & Eysenck, M. (1989) Implicit and explicit memory bias in anxiety. *Journal of Abnormal Psychology* 95, pp. 131-138.
- Oliveira, A. M. (1999) *Processamento de informação em bilingües*. Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto, Portugal.
- Oliveira, A. M., Castro, S. L. & de Sousa, L. (1999) Verbal information processing in Portuguese/French bilinguals in a dichotic listening task. In M. G. Pinto, Veloso, J., & B. Maia *Proceedings of the 5<sup>th</sup> International Congress of the International Society of Applied Linguistics*. Porto:FLUP.
- Pizarro, C. (2004) La emoción en los pacientes bilingües: el fenómeno de la resonancia emocional disminuida. *Terapia psicológica* 22(1), pp. 17-23.
- Roediger, H. L. (1990) Implicit memory: retention without remembering. *American Psychologist* 45, pp. 1043-1056.
- Schacter, D. L. (1992) Understanding implicit memory: a cognitive neuroscience approach. *American Psychologist* 47, pp. 559-569.
- Schrauf, R. W. (2000) Bilingual autobiographical memory. Experimental studies and clinical cases. *Culture & Psychology* 6, pp. 387-417.
- Spielberger, C. D. (1988) *State-Trait Anger Expression Inventory, Research Edition, Professional Manual*. Odessa, Florida: Psychological Assessment Resources, Inc.
- Tanzer, N. K., Sim, C. Q. E. & Spielberger, C. D. (1996) Experience, expression, and control of anger in a Chinese society: the case of Singapore. In C. D. Spielberger & I. G. Sarason *Stress and Emotion*. Washington: Taylor & Francis, pp. 51-65.
- Vilela, M. (1994) *Estudo de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina.